

VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del
MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2015.

A leitura de histórias na clínica psicopedagógica.

Saj Porcacchia, Sonia y Barone, Leda Maria
Codeco.

Cita:

Saj Porcacchia, Sonia y Barone, Leda Maria Codeco (2015). *A leitura de histórias na clínica psicopedagógica. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-015/478>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/epma/Cm2>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A LEITURA DE HISTÓRIAS NA CLÍNICA PSICOPEDAGÓGICA

Saj Porcacchia, Sonia; Barone, Leda Maria Codeco
Centro Universitário FIEO - UNIFIEO. Brasil

RESUMEN

O objetivo deste trabalho é estudar os efeitos da literatura na clínica psicopedagógica. Participou do estudo uma menina de oito anos com dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita. A leitura oferecida em Oficina de Leitura de Literatura constituía o campo clínico no qual o “holding” e a “sustentação” dada pela psicopedagoga foram tomados em consideração. Neste sentido, a Oficina consideradas como “Espaço Potencial”, conforme ensina Winnicott, tiveram a potencialidade de ser uma área em que a criança cria o mundo próprio ao mesmo tempo em que se adapta ao mundo objetivamente dado. O texto literário por sua potência de construção e de abertura de sentido oferece ao leitor possibilidades para romper o aprisionamento de sentido único; e seu valor é amplamente reconhecido por Benjamin quando propõe que toda doença pode ser curada se puder ser narrada, ou por Petit que sugere ser a leitura capaz de suprir o leitor de recursos para enfrentar as situações traumáticas da vida. Neste estudo os resultados sugerem que a leitura de literatura possibilitou à menina reflexões sobre suas próprias condições de vida, a construção de seus conhecimentos cognitivos, interesse pelo significado das palavras e o desejo de aprender a ler e a escrever.

Palabras clave

Leitura, Literatura, Espaço potencial

ABSTRACT

STORY READING IN PSYCHOPEDAGOGIC CLINIC

The goal of this work is to study the effects of literature in the psychopedagogical clinic. An eight years old girl with learning disabilities in reading and writing took part in the study. The reading offered in Literature and Reading Workshop constitutes the clinical field in which the “holding” and the “handling” given by the psychopedagogue were taken into consideration. In this sense, the workshop considered as “Potential Space”, as Winnicott teaches, had the potential to be an area in which the child creates his own world at the same time he adapts to the objectively given world. The literary text, due to its construction power and meaning openness, provides to the reader possibilities to break the imprisonment of a single meaning; and its value is widely recognized by Benjamin when he proposes that all diseases can be cured if they can be narrated, or by Petit, who suggests that reading has the ability to give resources so the reader can face the traumatic situations of life. In this study the results suggest that reading literature provided the girl reflections about her living conditions, cognitive knowledge construction, interest in the meaning of words and desire to learn reading and writing.

Key words

Reading, Literature, Potential Space

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE LITERATURA NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Com apoio em uma abordagem winnicottiana utilizou-se a leitura de histórias infantis, em Oficina de literatura com um grupo de cinco crianças com dificuldades da leitura e da escrita, como meio de intervenção psicopedagógica, por ser uma forma lúdica de expressão compatível com a vida mental da criança, e por favorecer o aparecimento do espaço transicional, possibilitando assim a introdução da intervenção sem ser invadida. Nesse trabalho fazemos a opção em relatar apenas do caso da menina Jade.

Sabemos que ao ler histórias a terapeuta oferecia à criança: experimentar o prazer; figuras de identificação; elementos para elaboração de situações traumáticas de vida através do contato com a palavra organizada no texto literário, capaz de organizar a turbulência do vivido emocionalmente.

Para Gillig (1999, p.19), o desinteresse da criança pela coisa escolar “pode ser interpretado como uma barreira entre seu mundo, ainda fechado por razões ligadas tanto ao psicoafetivo quanto ao social, e o espaço escolar, que simboliza a cultura onde têm êxito aqueles que sabem decodificar os seus segredos”. Desse fato derivam as dificuldades encontradas por essas crianças, no plano afetivo ou no plano intelectual, “de acesso ao simbólico, de distanciamento do real em relação ao imaginário, de expressão do desejo de vencer e de relação com outrem” (GILLIG, 1999, p.19). Para esse autor, o emprego do conto serve de mediador entre o imaginário da criança e a construção de competências, que a escola espera do aluno e que tenta tornar desejáveis para ele. Tudo isso está relacionado ao processo de maturação de qualquer indivíduo, continua o autor, e associa o seu pensamento a Winnicott, quando traz o fato de que a “experiência cultural, para a criança pequena, começa no brincar, na fantasia, no ‘sonho’, e inscreve-se em um espaço potencial. Prossegue na adolescência e na vida adulta por meio do contato com as artes e com o trabalho científico criativo (GILLIG, 1999, p.19). Sendo assim, a história lida pode ser para a criança “um objeto transicional que lhe permitisse passar do mundo da onipotência imaginária àquele da experiência cultural, e em que o prazer e o desejo pudessem encontrar sua fonte de renovação” (GILLIG, 1999, p.19).

Gutfreind (2005) também se serviu dos contos de fadas para criar um “espaço lúdico”, onde a criança pode imaginar, criar, brincar, inventar, e se refugiar nos momentos mais difíceis de sua vida, como uma forma de alimentar a sua imaginação, encontrando outra forma de enfrentar a sua realidade.

Barone (2006), baseada em Cabrejo-Parra, propõe a ideia da leitura como fundadora do psiquismo. Afirma que desde o nascimento a criança é capaz de reconhecer a voz da mãe e de maneira muito rudimentar fazer uma primeira leitura. Ressalta ainda que nesse contato a criança constrói a própria voz a partir da prosódia da língua, ao internalizar a voz da mãe. Sugere também que “essa voz, ao mesmo tempo tão pessoal e íntima, é construída a partir da voz de alguém. E é essa acolhida pelo outro que permite que passemos do

grito à voz” (BARONE, 2006, p.92). Reafirmando essa ideia de trazer a presença simbólica do outro, Barone cita Cabrejo-Parra: “ser porta-voz é ao mesmo tempo entrar na cadeia simbólica, porque a voz faz parte de uma cadeia, de uma língua que está aí” (CABREJO-PARRA apud BARONE 2006, p.92-93). Por esse motivo, para Barone (2006, p.92) “ler é uma necessidade imperiosa do homem: faz parte de seu processo de humanização e de sobrevivência; inicia nos primeiros contatos mãe-bebê se prolonga na vida contribuindo de maneira importante para a constituição do sujeito humano”.

Barone (2008) em seu artigo “Entre o leitor e o texto: espaço para subjetivação”, busca refletir sobre o valor da literatura na construção do sujeito, destacando um possível efeito terapêutico da leitura de textos literários na escola, sustentando teoricamente essa aplicação como meio de desenvolvimento subjetivo dos alunos. A autora propõe a função terapêutica da literatura considerada a partir de dois aspectos essenciais e inter-relacionados: o aspecto catártico e o aspecto estruturante, próprios à experiência de leitura. Dessa maneira:

A literatura oferece ao leitor ou ouvinte a forma do humano, levando-o a compreender melhor de si e o seu mundo, [uma vez que] as histórias permitem à criança encontrar palavras para nomear, dar forma e significar a massa indiferenciada e excitante do fluxo vivido; palavras que nomeando as coisas do mundo o tornam habitável (BARONE, 2008, resumo).

Sendo assim, nesta intervenção psicopedagógica tomamos em consideração a construção de uma narrativa pessoal da criança, de sua própria história de vida, retomando pontos traumáticos, dificuldades pessoais nas suas vivências. Podemos ressaltar apoiados em Petit (2006), a fundamental importância da leitura no processo de autoconstrução e elaboração de sentido, levando em consideração três hipóteses que se entrelaçam e formam uma única experiência:

- 1) a relação de confiança que permite trocas inter-subjetivas, encontros personalizados de acolhimento e hospitalidade;
- 2) a importância em criar uma narrativa interna. Segundo Petit (2006) as leituras abrem outro espaço, um tempo de sonho de fantasia que permite construir um país interno, um espaço de autonomia - a constituição de uma posição de sujeito. O que ele sofria, ele vai encontrando uma forma de falar sobre aquilo, narrar a sua dor. A narrativa torna possível uma narrativa interna;
- 3) ler permite desencadear uma atividade narrativa e se estabelecer ligações entre o acontecimento de uma história, entre universos culturais, entre aquele que compõem um grupo. “Uma metáfora em que o corpo é tocado” (PETIT, 2006, p.153).

O CAMPO CLÍNICO

Consideramos “Oficina de Leitura” um espaço que tem como instrumento principal a leitura de histórias de literatura infantil, a partir da qual se abrem espaços para a existência de diálogos que surgem do paciente e, conseqüentemente, a realização de diversas atividades provenientes dessa leitura. Assemelhava-se a um setting psicoterapêutico winnicottiano, que comporta os aspectos relacionados à mãe-ambiente, em que a terapeuta oferece a constância, a previsibilidade e a confiabilidade, tanto no ambiente físico, como no cuidado pessoal, aceitando ajustar-se às expectativas da paciente, estabelecendo um diálogo constante capaz de permitir o aparecimento do verdadeiro *self*. Conforme afirma Winnicott (1975, p.161), “sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (*self*) para o qual retira-se, para o relaxamento.” Dessa maneira, a Oficina de Leitura sobreposta a um Espaço Potencial possibilita o surgimento de fenômenos transicionais, que podem, talvez, representar os pri-

meiros estádios do uso da ilusão, conforme Winnicott (1975).

Para a realização da Oficina de Leitura, tinha-se como ritual sentarmos em um tapete para darmos início à leitura da história escolhida pela criança, podendo significar, na realidade, um espaço de segurança, que dependia da experiência vivida entre a psicopedagoga e a criança com problemas de aprendizagem da leitura e da escrita; e que poderia conduzir à confiança. Esse foi o espaço em que existiu a possibilidade de se experimentar o viver criativo, como postula Winnicott (1975) no qual se podia experimentar através das histórias lidas, momentos de prazer, de reflexão, de identificação.

Entendemos que tal espaço representava o que Winnicott (1975) entendeu como “Espaço Potencial”, isto é, a existência de uma área intermediária de experimentação, que considera a terceira parte da vida do ser humano, para o qual contribuem tanto a realidade interna quanto externa. Uma área construída inicialmente entre a mãe e o bebê e que vai ser essencial para o desenvolvimento do indivíduo. O autor relaciona essa terceira área à criatividade, ao estar vivo e se permitir sentir e viver a vida, por meio das próprias ideias e de forma criativa. É por meio da aprecepção criativa, e a maneira pessoal de apreender as realidades interna e externa, que o ser humano poderá organizar a sua capacidade de perceber e que será posteriormente, a externalidade do mundo.

Após a leitura da história, possibilitou-se um processo de reflexão e de elaboração, no qual a menina podia pensar e falar de seus sentimentos e das representações que se faziam presentes naquele momento, a partir da história lida. Parece-nos que, de alguma maneira, existia uma identificação dela com o conteúdo apresentado na história. Assim, surgia a possibilidade de falar, desenhar, jogar ou realizar outra forma de expressão que podia ser tomada em consideração pela psicopedagoga.

OS EFEITOS DA LEITURA DE LITERATURA NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Jade, aqui nomeada ficticiamente, tinha oito anos de idade e cursava a segunda série do ensino fundamental quando foi encaminhada para o atendimento psicopedagógico. A queixa da mãe era de que sua filha tinha o mesmo problema do pai: não conseguia memorizar e provavelmente seria analfabeta como ele afirmava a mãe. Jade tinha muita vontade de aprender a ler e escrever, contaram os pais na entrevista; fato este que comprovamos no decorrer da Oficina de Leitura. Ela sempre pedia para a mãe ler os livros de histórias que tinha em casa, mas a mãe esclareceu que isso raramente acontecia devido à falta de tempo.

Na primeira sessão Jade perguntou para a psicopedagoga: “Você vai me ajudar a aprender a ler e escrever?” Esclareceu que esse era o seu maior desejo e que adorava histórias, dizendo que quando aprendesse a ler e escrever ela não dependeria mais de sua mãe para ler seus livros de história.

Jade era uma criança com um olhar triste, que falava muito depressa, de maneira enrolada e infantilizada, sempre contando situações do cotidiano de sua família (mãe, pai, irmã, avós, tios, tias, primos, etc). Seu tom de voz era baixo. No decorrer das sessões foi necessário pedir que falasse devagar, num tom mais alto, para que pudesse ser entendida. Ela não se posicionava como uma pessoa autônoma. Tinha a necessidade de falar dos problemas de sua família e trazia sempre o fato de depender de sua mãe em diversas situações, como por exemplo, pentear o cabelo, fazer a lição escolar, ler histórias.

Nas sessões se mostrava dispersa, alheia ao mundo que se apresentava ao seu redor, parecia estar sempre aprisionada na fala do outro. Jade tinha uma capacidade narrativa de si mesma muito empobrecida, sempre falando de outra pessoa e nunca dela mesma.

Também, tinha muita dificuldade em entender as histórias. Na realização das atividades era muito insegura, precisando o tempo todo de uma autorização e aprovação naquilo que se propunha a fazer. Tínhamos a impressão que a paciente não se autorizava a pensar, precisando o tempo todo de alguém que pensasse e fizesse as atividades por ela, que a impulsionasse, dizendo-lhe a direção a seguir, parecendo sempre estar perdida nas atividades solicitadas. Nas atividades desenhava a sua irmã mais nova como a pessoa que tinha a capacidade de brincar, isto é, era a sua irmã quem possuía o direito de existir e viver, enfim quem podia aprender. Jade não poderia se colocar nesse lugar, uma vez que ela não se permitia posicionar num viver criativo. Também porque a sua mãe já havia predestinado um lugar para Jade: o lugar de uma menina que seria analfabeta como o pai. Um exemplo do que estamos falando foi a sessão em que Jade fez o seu primeiro desenho do “Aprendente”. Ela conta que: “a minha irmã está aprendendo a desenhar”.

Com a sequência das sessões, percebemos que a cada história lida Jade tinha uma atuação diferente, lentamente apossando-se de sua própria vida como algo que lhe dissesse respeito.

Lembramos que para Winnicott (1975) o brincar está relacionado a uma determinada relação com o mundo, com o trabalho, com as pessoas com as quais convivemos. É o lugar/espço em que vivemos. E, na Oficina de Leitura, o brincar se colocava como facilitador de um encontro consigo mesmo, na inter-relação da realidade subjetiva e a objetivamente percebida.

A Oficina de Leitura uma vez sobreposta pelo Espaço Potencial de Winnicott (1975) tinha a mesma potencialidade deste, ou seja, ser uma área em que a criança cria o mundo em que vive ao mesmo tempo em que se adapta ao mundo objetivamente dado. As histórias despertavam seus sentimentos levando Jade a falar de si mesma, perceber-se viva e aceita pelo grupo.

Já nas últimas sessões, Jade fez o seu segundo desenho do “Aprendente”, que apresentaremos logo abaixo na figura 10, quando finalmente já pôde apropriar-se de si mesma, o que supomos porque ela disse: “**Esta sou eu aprendendo a fazer caminhada**”. Agora Jade diz que “existe” - EU-SOU como uma pessoa que se permite aprender a caminhar com suas próprias pernas, talvez não precisando mais que alguém faça as coisas por ela.

Na Oficina de Leitura algumas histórias contribuíram para o amadurecimento do *self* de Jade. Entre elas vamos pinçar uma delas, a história “Nós” de Eva Furnari.

Após a leitura da história Jade afirmou que Mel (a personagem da história) sentiu muito medo e que ela mesma não gostava de sentir medo. A psicopedagoga perguntou o que Jade sentiria se estivesse no lugar de Mel? Ela responde que não sentiria “nada”. Qual seria o significado da palavra “nada” para Jade? Pensando em um contexto mais amplo, e especialmente na forma como Jade se colocava nas sessões, “nada” era como ela se sentia, quando não conseguia ler e escrever. Na primeira sessão ela deixou claro que seu maior sonho era aprender a ler e escrever.

Também podemos pensar na palavra “nada” como significado de ausente. E, no caso de Jade, especialmente quando sua mãe tinha um discurso que a colocava na posição de que seria analfabeta como o seu pai. Assim, ela ficava excluída do mundo em que vivia, já que não poderia nunca aprender a ler e escrever. Manguel (2006) afirma que aprender a ler insere a pessoa ao meio em que vive, à sua cultura, à sua sociedade. Logo, Jade não se sentia incluída no meio social.

No decorrer das sessões, Jade falava e mostrava nos seus desenhos que quem podia viver, conhecer e aprender era a sua irmã, pois para essa filha sua mãe não colocava nenhuma restrição. Talvez devido a essa ausência, Jade falava compulsivamente sobre os

problemas de sua família, para que alguém a escutasse, na tentativa de encontrar o seu lugar de “existir” dentro dessa família, e assim, poder viver criativamente. Lembramos que a criatividade para Winnicott (1975, p.98) é “uma proposição universal [...] relaciona-se ao estar vivo [...] e relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa”.

Parece-nos que o que Jade sentia aproximou-se de alguma maneira daquilo que a personagem Mel vivia na sua cidade. Mel era uma garota que vivia rodeada de borboletas, e os moradores da cidade achavam muita graça naquilo, riam e se divertiam desse seu jeito de ser. Ela guardava sua tristeza e não se permitia chorar, sempre acumulando sua mágoa, não tendo ninguém para compartilhar a sua dor. Então, vários “nós” surgiram em seu corpo, e foi o “nó” no seu nariz que a levou a tomar a decisão de mudar de cidade, já que onde ela morava não tinha verdadeiros amigos.

Tal situação parece aproximar-se dos sentimentos que Jade poderia ter dentro de si mesma, não se sentindo incluída em seu meio familiar quando não obtinha autorização de sua mãe para aprender a ler e escrever.

Assim, era muito importante para Jade sentir-se incluída e aceita pela psicopedagoga e pelo grupo na Oficina de Leitura, encontrando um espaço em que pudesse ser reconhecida como um sujeito aprendiz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos, portanto que a leitura dessa história possibilitou a Jade se aproximar de seus sentimentos criando uma forma de falar sobre sua dor, enfim tornar possível uma narrativa interna. Como afirma Petit (2006) a leitura permite a abertura de um espaço interno de sonho e de fantasia, um espaço de autonomia, enfim a recuperação de si mesma. E, conforme propõe Benjamin (2002) toda doença pode ser curada se puder ser narrada.

A história permitiu que Jade colocasse em cena os seus movimentos psíquicos, oferecendo pensamentos novos, fortalecendo o seu *Self* e abrindo-lhe espaços para a identificação.

Sendo assim, a leitura de literatura possibilitou à menina reflexões sobre suas próprias condições de vida, a construção de seus conhecimentos cognitivos, interesse pelo significado das palavras e o desejo de aprender a ler e a escrever.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barone, Leda Maria Codeço. Em defesa da leitura. In Andrade, M. S. e Franco, M. L. P. B. (org). Aprendizagem humana. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.
- Barone, Leda Maria Codeço. Entre o leitor e o texto: espaço para subjetivação. Resumos de Comunicação Científica. XXXVIII Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia. ISBN 978-8561272-01-2, 2008.
- Benjamin, Walter. Narrativa e cura. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 35(64/65): 115 - 116, dez. 2002.
- Gillig, Jean Marie. O conto na Psicopedagogia. Trad. Vanise Dresch. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- Gutfreind, Celso. O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- Manguel, Alberto. Uma história da leitura. 4ª reimpr. da 2.ed. Trad. Pedro Maia Soares, São Paulo: Companhia da Letras, 2006.
- Petit, Michèle. A leitura em espaços de crise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. v.40. n. 3, p. 149-167, 2006a.
- Winnicott, Donald Woods. O brincar e a realidade. Tradução de Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.